

## Moeda Única Remix

Em meio ao clima de rivalidade lúdica que provoca uma certa união das nações em torno da paixão pelo futebol, o ex-presidente e atual primeiro cavalheiro da Argentina, Nestor Kirchner, anunciou que as negociações para adoção de moeda única junto ao Brasil estão avançando. Diante de tal comentário dessa ilustre figura cabem as seguintes perguntas: por que depois de quase sete anos no poder interessaria ao casal K avançar nesse sentido? O que a Argentina pode ganhar com isso? Qual postura ideal para o Brasil na mesa de negociações?

Depois da tentativa frustrada de quase-dolarização da Argentina que durou cerca de uma década, a crise cambial levou o país a uma depressão econômica sem precedentes que ao fim da história conduziu político de fora do núcleo do poder estabelecido, Nestor Kirchner, a Casa Rosada. Nestor assumiu o país em moratória, com uma capacidade produtiva instalada ociosa e meses antes de uma explosão dos preços dos principais produtos produzidos na Argentina. Resultado: o país entrou em rota de retomada econômica apesar das políticas presidenciais e, é claro, a melhora econômica refletiu na popularidade do presidente forasteiro.

Só que o vento a favor que fazia tudo que a Argentina produzia subir de preço parou de soprar, quando Nestor elegeu sua esposa, Cristina, presidente. Que na ânsia por mais recursos para o orçamento público criou imposto sobre a exportação de grãos trazendo muita insatisfação no campo causando ruptura do sistema produtivo do país. Além de que a Cristina seguiu Nestor em adiar todo tipo de decisão difícil, portanto, alguns preços como o de energia elétrica permaneceram congelados desde a crise cambial gerando falta de investimentos e conseqüentemente gargalos para o crescimento. Em meio a isso a popularidade da presidenta ficou abaixo de 20% no fim de 2009. Só recuperando um pouco agora com toda sorte de populismo, como a distribuição de TVs digitais para a Copa do Mundo. Mas fato é que o casal K precisa criar algum fato para permanecer no poder. Que tal a moeda única com o Brasil?

Para uma Argentina de desgoverno macroeconômico, onde até o índice oficial de inflação é decidido pela caneta, a união monetária com o Brasil implica uma âncora econômica importante, na medida em que o governo argentino abre mão de arrecadar imprimindo dinheiro, fazendo compromisso com o valor dos recursos líquidos de seus cidadãos. De modo que mais contratos possam ser escritos e mais negócios possam ser realizados com segurança jurídica. Ocorre que adotar uma âncora monetária em momento que preços relativos estão em descompasso, a exemplo das tarifas de concessionárias públicas argentinas, é um risco para a manutenção da estabilidade e do crescimento a longo prazo. Como crescer de modo sustentável se não há preços que propiciem o investimento em infra-estrutura? E se os preços forem reajustados, como indexar toda economia sem ter autonomia para aumentar a base monetária?

Em 2002, quando comecei a falar de união monetária no Cone Sul, tanto Brasil quanto Argentina viviam falta de credibilidade macroeconômica e um tratado internacional que construísse a moeda única poderia servir de âncora para corrigir os desacertos de ambos vizinhos. No entanto, desde então, o Brasil construiu credibilidade com respeito a prudência fiscal e monetária enquanto a Argentina tratou de apagar os incêndios do dia-a-dia. Logo falar de banco central multinacional para o Brasil não faz mais sentido. A opção que resta para a Argentina é *REALizar* ao invés de *DOLARizar*. Usar o real como moeda do outro lado do Rio da Prata faz sentido econômico na medida em que os preços de

exportação por lá acompanham os nossos. Mas para evitarmos uma eventual conta salgada por aqui é preciso que um dever de casa seja feito por lá antes de embarcarmos nessa aventura.

Igor Barenboim é Ph.D. em Economia por Harvard e Subsecretário Municipal de Administração do Rio de Janeiro